

EM HOMENAGEM A JAIME CORTESÃO

Ainda na sequência das celebrações do centenário do nascimento de Jaime Cortesão, que decorreram em 1984, foi consagrado ao grande escritor e historiador o n.º 6-7 dos Cadernos da *Revista de História Económica e Social*. Constitui esse «caderno» um volume intitulado *Cidadania e História* (Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985) e nele foi reunida uma colectânea de estudos que, versando primordialmente a figura do historiador ou dedicados à sua memória nessa qualidade, não deixam de apontar para a identificação profunda que conjuga numa personalidade inteira e indivisa o homem de letras e o investigador emérito do passado português.

Abre o volume com um dos raros textos ainda inéditos de Jaime Cortesão, apresentado e comentado por Neves Águas — que tem sido estudioso devotado da sua bibliografia —, e no qual se reproduz o plano para um museu evocativo da vida e obra do Infante D. Henrique. Joaquim Romero de Magalhães, já em plena matéria literária, encara sob clara perspectiva de interpretação o «poeta-historiador», evocando as suas próprias palavras: «A nossa vocação de historiador deve ter despertado aquando escrevemos o drama em verso *O Infante de Sagres*, representado em 1916, a que sucedeu depois o drama, igualmente em verso, *Egas Moniz*.» Nascido poeta — acentua o A. deste ensaio —, a carreira estrí-

tamente literária não satisfazia Jaime Cortesão, que na historiografia veio a realizar a sua obra mais perene e de mais larga projecção. Da autoria de Marinho dos Santos é inserida uma análise original da personalidade de Jaime Cortesão, não deixando de salientar as influências nele exercidas por Antero de Quental e pela peculiar atmosfera em que nasceu e se afirmou o grupo da «Renascença Portuguesa». Maria Manuela Lucas assinala a qualidade do educador, que o homenageado foi também, por idealismo pedagógico e moral. José Oliveira Barata apresenta um estudo sobre o significado do teatro de Jaime Cortesão no âmbito da educação popular. Fernando Rebelo põe em destaque um caso de interdisciplinaridade praticado pelo historiador. Maria José Pimenta Ferro Tavares analisa a interpretação por ele formulada da revolução de 1383 e o papel nela desempenhado por Álvaro Pais. Maria Leonor Carvalhão Buescu contribui para a homenagem com uma interpretação da obra de Fernão Mendes Pinto como «espaço de múltipla comunicação». E o volume finaliza com a reprodução de um relato anónimo da viagem de Vasco da Gama à Índia em 1502, com estudo introdutório de João Rocha Pinto.

Esta edição reúne, em torno da alta figura nacional que foi Jaime Cortesão, um somatório de valores de cultura que justifica especial apreço.

A. S.

NO REINO DAS CEM JANELAS

Alice Vieira tem conquistado nos últimos anos um lugar de merecido relevo no espaço que tende (felizmente) a alargar-se da literatura de autores portugueses para crianças. Os seus livros no género salientam-se por um claro realismo, pela limpidez formal e pela inventiva de manifesta espontaneidade no tratamento descritivo do quotidiano. E como lhe argumentassem que nos seus livros não havia histórias maravilhosas, «daquelas que metem bruxas, e fadas, e príncipes», deu a A. a resposta com um novo livro em que tudo isso cabe. Intitula-se *Graças e Desgraças da Corte de El-Rei Tadinho, Monarca Iluminado do Reino das Cem Janelas* (Editorial Caminho, Lisboa, 1984). Nele se desprende a fantasia ao sabor do maravilhoso tra-

dicional — mas sem abdicação da peculiar personalidade literária com que Alice Vieira se tem afirmado. Evidencia-se a peculiaridade com maior relevo, ao longo deste livro, no humor — talvez melhor: no pendor irónico — com que é construída a história do rei Tadinho, monarca magnânimo de um reino «onde a crise, quando nascia, era para todos». Do humor de que a narrativa é impregnada ressalta a sua exemplaridade. E com esta o divertimento oferecido aos pequenos leitores (e porque não aos adultos?) numa escrita alegre e fluente em que os episódios se encadeiam com animação e graça. A ironia inserida no maravilhoso é o mais relevante condimento do novo livro de Alice Vieira.

A. S.